



Construindo a diversidade cultural em redes de sustentabilidade. O caso da Cooperativa Açaí, de Porto Velho/RO

Anelise Fabiana Paiva Schierholt¹

José Rogério Lopes²

-
- 1 Graduada e Mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: nise_paiva@yahoo.com.br.
 - 2 Doutor em Ciências Sociais e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Unisinos e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: jrlopes@unisinos.br.

RESUMO

Este estudo expõe a trajetória de produção de artefatos culturais da Cooperativa Açaí, localizada em Porto Velho, Rondônia, e evidencia como ela foi marcada pelas parcerias e redes estabelecidas para a objetivação de seus produtos, nas quais se constituiu uma concepção de diversidade cultural. Os procedimentos metodológicos seguiram a orientação da abordagem etnográfica (observação direta, elaboração de caderno de campo e realização de entrevistas semiestruturadas), sendo produzidos vídeos e fotografias dos contextos situacionais dos atores. A análise elaborada destaca que as atividades da Cooperativa são melhor objetivadas quando se aproximam dessas parcerias e são mais subjetivas quando relacionadas ao contexto ambiental amazônico, devido às tramas organizacionais que caracterizam as objetivações empreendidas e sua enunciação.

Palavras-chave: *Cooperativa Açaí. Biojoias. Redes de sustentabilidade. Diversidade cultural.*

ABSTRACT

This study exposes the cultural artifacts production trajectory of the Açaí Cooperative, situated in Porto Velho, RO, and shows how it was marked by the partnerships and networks established for the objectification of its products, in which a conception of cultural diversity was constituted. An ethnographic approach was adopted (direct observation, elaboration of field notes and semi-structured interviews), and videos and photographs of the situational contexts of the actors were produced. The results show that the activities of the cooperative are better objectified when they approach these partnerships and are more subjective when related to the Amazonian environmental context, due to the organizational plots that characterize the objectifications undertaken and their enunciation.

Keywords: *Açaí cooperative. Bio jewels. Sustainability networks. Cultural diversity.*

INTRODUÇÃO

Este artigo expõe a trajetória de produção de artefatos culturais da Cooperativa Açaí, nome comercial do microempreendimento denominado Cooperativa de Produção e Comercialização de Artesanato de Rondônia, localizado em Porto Velho. Fundada em janeiro de 2003, a Cooperativa é composta por 22 associados, todos moradores locais que migraram dos estados de Maranhão, Amazonas, Acre e São Paulo, e faz parte da cadeia Justa Trama, do Fórum de Economia Solidária e da UNISOL Brasil. O estudo se orienta pela concepção de cultura em Simmel (2005), na qual o autor afirma que um produto cultural não é criação apenas de um sujeito, mas o resultado de um conjunto de trabalhos parciais. Pensamos que a Cooperativa Açaí é um espaço onde as pessoas realizam trabalhos parciais e recíprocos e no qual o conjunto gera o produto. Assim, mesmo denominado de Cooperativa, o seu modelo aproxima-se mais da ideia de cadeia produtiva que orienta as interações de um conjunto de coletivos, na Justa Trama,³ como veremos adiante.

-
- 3 A Justa Trama é uma cadeia ecológica de algodão solidário com sede em Porto Alegre/RS, configurada como um segmento de várias cooperativas distribuídas em cinco estados do país, que trabalham com o plantio, tingimento, fiação e produção de tecidos a partir do algodão agroecológico.

Porém, como a cultivação cultural opera objetivações que nascem da consciência subjetiva, mas vão além dela, tais objetivações adquirem um fundamento e um direito, ou seja, “o sentido cultural do objeto” (SIMMEL, 2005, p. 83) em agrupamentos de pessoas específicas, acrescentando “o universo das coisas que têm um certo valor coletivo” (SIMMEL, 2005, p. 84). Daí que, para entender o discurso de redes de sustentabilidade exposto adiante pelas artesãs e seus parceiros, é necessário compreender que tais redes permitem às artesãs estabelecerem uma definição situacional de si mesmas.

Aqui, a concepção de Simmel é complementada pela concepção de compromisso identitário, de Bajoit (2006), ou seja, de que a identidade se faz, na contemporaneidade, por compromissos estabelecidos em ações coletivas que preservam os propósitos dos indivíduos. Dessa forma, o discurso sobre um compromisso identitário permitiria apreender que a identidade se constitui em uma perspectiva sempre relacional. Para tanto, daremos destaque a um conjunto de exposições das artesãs e de alguns de seus parceiros, de maneira a expor a aproximação entre as atividades que compõem a dinâmica de suas produções culturais e a as trajetórias de constituição de suas identidades, como marcação da diversidade cultural. Inicialmente, inscrevemos alguns registros contemporâneos das políticas culturais de valorização da diversidade, evidenciando os fatores que modulam e condicionam a trajetória aqui em pauta. No quadro dessas modulações, enfatizamos os discursos elaborados nas parcerias desenvolvidas pela Cooperativa com a Justa Trama, como contexto inaugural da trajetória de compromissos estabelecidos por ela. Na sequência, expomos os discursos que atualizam esses compromissos, em redes locais, de forma a evidenciar como atividades e projetos objetivados nas parcerias estabelecidas se desdobram em compromissos identitários e expressam representações de valor dos produtos e, de maneira ampliada, representações de diversidade cultural e sustentabilidade.

ARRANJOS DA DIVERSIDADE NAS POLÍTICAS CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS

A trajetória das políticas culturais contemporâneas, entre as ações coletivas locais ou globais, e a institucionalização dos processos de reconhecimento, do direito às diferenças, das políticas de identidade e dos direitos culturais marcaram uma crescente democratização de tais políticas. Desde uma agenda desenvolvida pela UNESCO, a partir do Acordo de Florença, em 1950, uma série de convenções e regulações foi se estabelecendo⁴ e gerando impactos situacionais distintos em vários países. Nesse processo, a concepção de diversidade cultural foi se afirmando como princípio fundamental de afirmação da democracia, sobretudo associando o caráter transversal de tal afirmação em associação com o pluralismo cultural, os direitos humanos, a criatividade e a solidariedade, como se inscrevem nos títulos dos capítulos da *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* (UNESCO, 2001).

Desde os impactos situacionais dessa agenda, sobretudo no caso brasileiro, foi se produzindo uma inversão das políticas culturais historicamente instituídas e impositivas (CALABRE, 2010) para políticas que valorizavam a “potencialização de atos coletivos” (SANTOS, 2012), organizados em torno de novos arranjos institucionais (LIMA; ORTELLADO; SOUZA, 2013; MIRANDA; ROCHA; EGLER, 2014). Esses novos arranjos foram possibilitados, em boa medida, pelas reformulações propositivas da concepção de cultura, que seguiram as considerações finais da Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, ocorrida no México, em 1982, até ser formulada na *Declaração Universal da Diversidade Cultural*, como

-
- 4 A trajetória desse estabelecimento inclui, segundo Dias (2015, p. 372): “a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural (1972), o Protocolo de Nairóbi (1976), a Declaração sobre Raça e Preconceitos Raciais (1978), a Conferência Mundial sobre Políticas Culturais (México, 1982), a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (1989), a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001), a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003) e a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005)”.

o conjunto específico de características espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, e que abrange, além das artes e das letras, estilos de vida, formas de vida comunitárias, sistemas de valores, tradições e crenças. (UNESCO, 2001)

Ocorre que tal formulação de cultura tem sido problematizada na própria agenda das políticas culturais, decorrente de algumas controvérsias geradas ora pela leitura dos processos culturais expressa nos marcos documentais da UNESCO, nos quais cultura torna-se uma expressão isenta de disputas e conflitualidades, ora pela sua dimensão problemática referente ao “espelho único da cultura eurocêntrica” (CORTÊS, 2012, p. 146) e seu caráter monocultural, que ainda balizam as referências culturais locais e de comunidades tradicionais (DIAS, 2015). Outros autores têm indicado, também, a ambivalência que os projetos culturais inscritos nessa concepção comportam, entre o reconhecimento político das diversidades culturais e as proposições que apenas mercantilizam as culturas (LOPES, TOTARO, 2016; YÚDICE, 2006).

Para além dessa problematização, várias iniciativas de democratização das políticas culturais brasileiras, nas últimas décadas, enfatizaram algumas dificuldades estruturais. Assim, desde os arranjos institucionais que orientaram tais políticas, alguns fatores se destacam, entre eles: a dimensão dos territórios delimitados pelas políticas, ou para as políticas (RUBIM, 2012); as redes constituídas pelos atores dessas políticas (CAVA, 2015); e a constatação de que o termo cultura é apropriado pelas comunidades e coletividades tradicionais, como critério de desempenho, em sua interação com agências governamentais e institucionais (LOPES, TOTARO, 2016, YÚDICE, 2006). E embora essa tríade seja constitutiva do escopo das políticas culturais no país, ela não alcançou, ou alcança, o território brasileiro de maneira universal, de forma que se torna necessário investigar e analisar os processos de marcação da diversidade cultural em regiões nas quais essas políticas ainda carecem de efetividade.

A COOPERATIVA AÇAÍ E A REDE DA JUSTA TRAMA

O caso da Cooperativa Açaí, de Porto Velho, evidencia alguns aspectos da tríade de fatores das políticas culturais identificada anteriormente, sobretudo, como as parcerias estabelecidas pela Cooperativa, em sua trajetória, impactaram na superação de sua condição periférica. Desde sua origem, a relação da Cooperativa com a cadeia Justa Trama modelou uma percepção e um discurso sobre suas lógicas de ação, assim como sobre as representações de sustentabilidade das artesãs.

A filiação da Cooperativa à Justa Trama se deu no ano de sua fundação e foi baseada em valores da economia solidária. A cadeia é composta de homens e mulheres, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras, somando 600 cooperados/associados, nos estados Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Ceará e Rondônia. Neste último, em Porto Velho, situa-se a Cooperativa Açaí, onde as artesãs associadas trabalham na produção de bijoias, ecojoias e botões confeccionados com sementes do bioma amazônico, além de bonecas dos retalhos.⁵ Nesse arranjo, encontram-se distintos biomas e contextos sociais. Entre os atores sociais da rede estão “associados em autogestão, trabalhadores dos meios rural e urbano, de diversos setores da economia, como agricultura, a indústria e o artesanato [...] orientadas(os) por ações políticas comuns” (ANDRADA, 2013, p. 18 e 26). A vinculação à Justa Trama se estabelece no quadro de outras vinculações construídas pelas artesãs, como atividades que constituíam sua identidade. Assim, Nelsa, dirigente da Justa Trama, expõe que a experiência como membro do Fórum Brasileiro de Economia Solidária lhe permitiu trocar saberes sobre a atividade artesanal. Foi aí que a Cooperativa consolidou relações sociais e comerciais com o projeto da Justa Trama. Na ocasião de umas das edições do Fórum, Nelsa propôs a ideia dos acessórios de botão de coco e dos

5 Disponível em: <https://bit.ly/3jwnGdj>. Acesso em: 23 jul. 2020.

colares de sementes produzidos na região Norte, como valores agregados às roupas de algodão agroecológico da cadeia produtiva. Nesse sentido, a “*Justa Trama vem pra fortalecer os empreendimentos que têm um produto que nos une a todos*” (Nelsa, informação verbal, 2018).

A Cooperativa Açai eu conheci ela através da Dalvani, que naquele período representava a Cooperativa e estava em todos os espaços que a gente participava na UNISOL Brasil e no Fórum Brasileiro de Economia Solidária. A Dalvani representava a região Norte, sobretudo de Rondônia no Fórum de Economia Solidária, no Fórum Brasileiro de Economia Solidária e também ela participou da direção da UNISOL. Foi um encontro assim de uma identidade muito legal desde que a gente se viu pela primeira vez. (Nelsa, informação verbal, 2018)

E a Cooperativa Açai ela esteve com a Justa Trama desde o primeiro momento que se começou a pensar a Justa Trama e fez parte da constituição da Justa Trama, é uma das cooperativas primeiras. [...] E aí começamos conversar, a Cooperativa Açai com os colares, eles acompanharam as peças da Justa Trama desde o princípio, depois desenvolvendo botões de vários tamanhos, sobretudo de coco, mais tarde botões de tucumã. (Nelsa, informação verbal, 2018)

Essas primeiras exposições já indicam como a composição de trabalhos parciais e recíprocos está estreitamente relacionada com as trajetórias de constituição de identidade dessas artesãs. Na continuidade dessas exposições, inclusive, evidencia-se como o processo inicial de produção de botões diversifica as parcerias, assim como a própria parceria com a Justa Trama torna-se espaço para diversificações de projetos e produtos, que resultam objetivados em trabalho coletivo.

Então, quando a gente precisava de botão era buscar antigos associados da Açaí pra que fossem fazendo e a Dalvani tinha uma queda muito grande pelas bonecas, ela que trouxe numa reunião a proposta delas fazerem bonecas e a gente achou muito legal entrar numa linha infantil com um produto que, sobretudo, as crianças gostem e que é um aproveitamento dos retalhos pequenos da Justa Trama e é algo muito legal assim. Eu gosto de ver o processo e também começaram a trabalhar de forma coletiva. (Nelsa, informação verbal, 2018)

A trajetória de parcerias iniciada pelo vínculo tecido com a Justa Trama é tramada no Fórum Brasileiro de Economia Solidária, como um encontro de propósitos que fortalece compromissos identitários (BAJOIT, 2006), e estabelece princípios que orientam suas lógicas de ação. Os contextos da objetivação dos produtos que se desenvolvem na trajetória dessas parcerias, por outro lado, ora reforçam os propósitos que as inauguram, ora geram reconhecimentos ampliados do caráter de diversidade que se tece nelas.

A gente, se não tivesse a Cooperativa Açaí, estaria fazendo detalhe de nossas peças com botões de plástico ou com botões, sei lá, alternativos, mas que rompia com a questão toda de ser da economia solidária, de cooperativas e associações. A Cooperativa Açaí hoje ela é importante porque as bonecas significaram um novo momento pra Justa Trama sabe, onde você pode atender uma gama de pessoas diferentes. [...] Para nós, a Cooperativa Açaí ela representa o Norte do Brasil com sua diversidade, essa questão da Amazônia sabe, ela é muito especial na Justa Trama. (Nelsa, informação verbal, 2018)

Esse reconhecimento extrapola as interações tecidas entre as parceiras e se legitima em um campo ampliado de representações da diversidade cultural e de sustentabilidade ambiental, no qual as

artesãs buscam recursos. Esse é o caso de alguns projetos desdobrados da parceria com a Justa Trama, como o projeto desenvolvido para as Lojas Renner, em 2016.

O projeto “A trama justa da moda que inclui: costureiras, artesãs e sustentabilidade”, inscrito pela Justa Trama no Edital Instituto Lojas Renner/ONU Mulheres,⁶ foi elaborado e encaminhado pela Justa Trama e executado pela Cooperativa Açaí. O objetivo do projeto foi a criação e produção de bonecas com reaproveitamento de tecidos de algodão ecológico da Justa Trama. Para seu desenvolvimento, as artesãs fizeram pesquisa em revistas e internet e cada artesã criou um modelo de boneca e produziu a peça; a descrição do passo a passo da produção e o tutorial com moldes e modo de fazer foram elaborados pela Diretora de Criação da Cooperativa, Cristiane, e digitado pelo artesão Giovani para enviar para a Justa Trama. O projeto previa 40 horas de curso e requeria assinatura do ponto de cada participante. Foi realizado de novembro a dezembro, na loja da Cooperativa, e cada participante recebeu R\$ 524,00. Desse valor, 10% ficaram para a Cooperativa. Cristiane destaca que mesmo com o encerramento do projeto há a possibilidade de serem feitas encomendas das bonecas criadas para a Cooperativa confeccionar.

Esse exemplo de projeto derivado da parceria com a Justa Trama, assim como a trajetória de interações regulares entre identidade e objetivação cultural, anteriormente descrita, evidenciam o caráter de constituição de valor dos produtos confeccionados pelas artesãs. Contudo, como já afirmou Simmel (2006, p. 86), “não há nenhum valor de cultura que seja apenas valor de cultura; cada um precisa antes, para alcançar esta significação, ser também valor em uma série objetiva”. No caso da Cooperativa Açaí, essa série se configura

-
- 6 O edital previa um escopo de empreendedorismo, qualificação profissional, cidadania e geração de renda para mulheres em situação de vulnerabilidade, e avaliou, entre outros aspectos, a consistência da atuação nas comunidades, a coerência entre objetivos e ações propostas, o planejamento orçamentário e as condições estruturais e de capital humano para a condução do projeto. Disponível em: <https://bit.ly/2EozVbG>. Acesso em: 29 jul. 2020.

na trajetória de objetivação de seus produtos, atividades e identidade, que se inicia em encontros de economia solidária e avança para o reconhecimento da diversidade cultural e das redes de sustentabilidade locais. Vejamos alguns arranjos dessa trajetória.

A OBJETIVAÇÃO DOS PRODUTOS NAS REDES LOCAIS

Aqui, buscamos contextualizar as parcerias locais e regionais que se formaram na trajetória de objetivação dos produtos e atividades da Cooperativa Açaí, em consonância com a afirmação de um compromisso identitário com os propósitos coletivos estabelecidos entre as parceiras. Percebe-se, nas exposições que seguem, que as parcerias iniciam a partir de demandas específicas da objetivação dos produtos, mas se desdobram para propósitos ampliados, que convergem para a questão da diversidade cultural e da sustentabilidade. Nesse sentido, as trajetórias das parcerias, simultâneas às trajetórias de objetivação dos produtos, possibilitam reconhecer um processo de singularização pelo qual os produtos adquirem biografias culturais (KOPYTTOF, 2008), mas, também, configuram regimes de valor assentados em concepções de autenticidade (SPOONER, 2008).

IFRO – Instituto Federal de Rondônia

O Instituto Federal de Rondônia (IFRO) formou uma parceria com a Cooperativa a partir da demanda de produção de uma tintura para os tecidos de algodão ecológico. A demanda é que as tinturas deveriam ser orgânicas, de maneira a acompanhar o princípio ecológico que orienta a produção. Em entrevista realizada com Ronilson de Oliveira, 47 anos, professor no Instituto Federal de Rondônia, constatamos vários elementos que possibilitam compreender as lógicas que relacionam a objetivação dos produtos da Cooperativa com a ampliação das tramas que estabelecem as parcerias.

O Instituto foi criado em 2008. A gente já tinha uma escola técnica lá em Colorado, naquela região que tem

este sistema de produção mais plantation mesmo. Mas assim, a partir de 2008 que começa a atuação. Aqui em Porto Velho a gente tem dois campus, tem o Zona Norte e o Calama né, e o zona norte começou a operar em 2013. (Ronilson, informação verbal, 2017)

A gente está tentando, nós estamos estudando o desenvolvimento de um tingimento que seja utilizado nas roupas. E ele seria mais um elemento de produção também dentro deste processo. (Ronilson, informação verbal, 2017)

Essa demanda explicita o caráter de compromisso identitário que acompanha regularmente a objetivação dos produtos da Cooperativa, inclusive, envolvendo o IFRO em propósitos de mudança de seus próprios procedimentos e conhecimentos.

Anelise: Tingimento natural, como?

Ronilson: Tudo natural. Só com química orgânica. Nada inorgânico como parte do processo. Então assim, a gente, é dolorido essa construção, porque assim, quando a gente pensa em química, a gente já pensa em química inorgânica, então a gente tem que agora desenvolver toda uma capacidade de pesquisa pra desenvolver esse produto sem inserção de química inorgânica.

Nosso Campus tem uma característica de gestão, ele tem curso na área de gestão pública, de gestão comercial, e a gente tem um projeto de ação de planejamento estratégico também, então já tem todo um quadro de profissionais ligados à área de gestão. E as conversas que nós tivemos com a Marina nós percebemos que havia uma necessidade de ajustes nestes aspectos, na área de

gestão, na área de gestão de processos, gestão de produção, de gestão comercial.

[...] as mudanças que aconteceram aqui na loja foram parte de um projeto de extensão que foi desenvolvido pelo campus, por alguns professores com os cooperados. Aí foi proposto um projeto de extensão que captou recursos, utilizados nessa pequena mudança que tá tendo aqui. **Mas na verdade este projeto é bem maior, a ideia é a gente cuidar muito o eixo do quem tem hoje de termos de produção. Hoje a produção ela se concentra em alguns elementos, e assim, de forma muito isolada, isso faz com que o artesão, os cooperados, eles acabam não tendo um retorno financeiro que dê sustentabilidade pra eles e pra cooperativa. Então a gente percebe assim que este espaço aqui, ele é um espaço um pouco de aglutinação, eles se reúnem muito aqui. Mas em termos comerciais ainda tem uma resposta muito pequena, quase que insignificante diante da necessidade da Cooperativa. A ideia é a gente criar agora espaços de comercialização outros né, dentro da cidade e buscar parcerias com o governo do estado, buscar parcerias com a prefeitura, pra gente encontrar outros espaços onde a gente possa expor os produtos que são produzidos aqui. E também que a gente consiga criar parcerias mostrando o desenvolvimento social gerado pela Cooperativa para outras organizações da cidade [...] inserir estes produtos na rede comercial da cidade, para comercialização maior, e aí poderia aumentar nossa produção e gerar uma renda que seja suficiente para que os artesões sobrevivam disso. Tornar a atividade mantenedora deles. Essa é a ideia. E junto com isso o projeto também engloba que a gente consiga desenvolver as parcerias necessárias para se tornar um processo produtivo perene. Aí envolveria as sementes, envolveria**

as bonecas, as biojoias, cadeias produtivas. (Ronilson, informação verbal, 2017)

Comunidades ribeirinhas

As comunidades ribeirinhas, conforme o Decreto n° 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, são definidas pelo Estado como povos e comunidades tradicionais. Sendo assim, as comunidades ribeirinhas possuem

características e especificidades socioculturais no que se refere à forte identidade com o local que habitam, às formas de apropriação e de usos do território e de seus recursos naturais. Esses usos são mediados por códigos morais, relações de parentesco e vizinhança, configurando uma organização social particular, essencialmente relacionada à história das comunidades e ao lugar de moradia (LASCHEFSKI, 2011, p. 30).

Desde o início deste estudo, o estabelecimento de parcerias e a sustentabilidade dos povos ribeirinhos e extrativistas são fortemente mencionados nos discursos das associadas e dos associados e estão inseridos entre as pautas principais da Cooperativa. Para a artesã Dalvani (informação verbal, 2017), a compreensão de que o conhecimento do ribeirinho “*seja transformado em geração de renda, porque é um conhecimento que mantém o planeta*” expressa a importância desses povos para a Cooperativa, mas também para toda a rede Justa Trama, como expõe Nelsa (informação verbal, 2018): “*Fortalecer a Cooperativa Açaí pra nós também é fortalecer a Amazônia*”.

Ocorre que as comunidades ribeirinhas, antes próximas de Porto Velho, eram parceiras regulares das cooperadas, por meio de redes constituídas para a coleta de sementes. Atualmente, ao contrário do que desejam as associadas da Cooperativa, essas comunidades se encontram em uma dupla distância: uma distância territorial e

também uma distância relacional ao projeto inicial da Cooperativa, no qual se estabeleceriam laços sociais e comerciais permanentes entre essas comunidades.

Esse distanciamento aconteceu devido a dois eventos principais: (1) a construção da hidrelétrica Santo Antônio que, devido ao alagamento de uma grande extensão de área habitada, forçou as comunidades ribeirinhas próximas de Porto Velho a deslocamentos, distanciando-os de sua principal fonte de alimento e renda, o rio Madeira; (2) uma enchente histórica⁷ ocorrida no ano de 2014, que provocou também o deslocamento de moradores ribeirinhos.

Para apresentar um pouco do que representa a Amazônia em termos mais amplos, estima-se que ela possui, segundo Pereira (2016, p. 27), o “maior ambiente de sociodiversidade e biodiversidade do planeta e a maior reserva de florestas latifoliadas tropicais do mundo”. Em relação a grande quantidade de rios, a “Amazônia brasileira possui 50% do potencial hidroelétrico do país [...] 25 mil quilômetros de rios navegáveis, o que equivale a 1/5 da água doce do planeta [...] e detém 12 milhões de várzeas e terras férteis” (PEREIRA, 2016, p. 27). Esses dados nos fornecem uma breve noção das complexidades que envolvem as populações ribeirinhas amazônicas.

Das comunidades ribeirinhas mais distantes, com as quais a Cooperativa Açaí reorganizou vínculos e parcerias para a obtenção de sementes, realizamos uma incursão etnográfica em São Carlos do Jamari, em 2017, cuja escolha se deu por conta da maior facilidade de acesso ao local em comparação com outras localidades ou distritos.

O distrito de São Carlos do Jamari está localizado às margens do rio Madeira, mais precisamente na região denominada Baixo Madeira, zona rural de Porto Velho. O início de sua formação se confunde com a formação do estado de Rondônia, sendo a localidade mais

7 Sobre a enchente histórica ver a matéria publicada no *Portal Globo.com*. Disponível em: <https://glo.bo/2ZUE13R>. Acesso em: 23 jul. 2020.

antiga do estado.⁸ O distrito é composto pela Reserva Extrativista do Cuniã (RESEX)⁹ e diversas comunidades menores denominadas “colocação” – termo utilizado na época da extração da borracha para identificar os locais onde eram “colocadas” as famílias de seringueiros. A região central de São Carlos era o ponto de concentração da borracha vinda das localidades ou colocações da região, ali “passava o navio pra levar a borracha”, e na década de 1980 se tornou o distrito de Porto Velho. A comunidade foi se formando durante o ciclo da borracha e após o término deste passaram a trabalhar na pesca e na extração da castanha e do açaí.

Os moradores mais antigos do local com quem conversamos relataram ter vindo ainda pequenos para a localidade, acompanhados de seus pais que trabalhavam com a extração da borracha. Após o fim do ciclo da borracha, passaram a trabalhar na pesca e na extração da castanha e do açaí. A pesca para consumo próprio é prática comum também para aqueles e aquelas que trabalham em outras atividades.

O distrito possui uma pequena pousada e um hotel ainda em construção, posto de saúde, um único cemitério, subdelegacia, ginásio de esportes, internet via venda de senha ou pacotes, e campo de futebol. Muitos moradores são funcionários públicos, trabalham na escola, no posto de saúde, na subdelegacia ou nos serviços gerais de obras e manutenção. Esses funcionários, juntamente com os aposentados ou recebedores de algum tipo de benefício, precisam ir para Porto Velho para receberem. Outros trabalham com o extrativismo e a pesca, entretanto algumas opções como o açaí diminuíram bastante devido à enchente, e, nesses casos, para muitas

.....
8 “Fundada em 1723 pelo padre jesuíta João Sampayo a primeira povoação da margem direita do rio Madeira, a Missão de Santo Antônio do Alto Madeira, na foz do rio Jamari” (LIMA, 1991, p. 70 *apud* CAETANO; SILVA; ALVES, 2017, p. 351).

9 Com área de 75.876,67 hectares a Reserva Extrativista do Cuniã foi criada em 1999, por meio do Decreto nº 3.238, de 10 de novembro de 1999. Disponível em: <https://bit.ly/2D-0MSYC>. Acesso em: 23 jul. 2020.

pessoas, o garimpo de ouro no rio Madeira está sendo uma alternativa importante.

Para além do reconhecimento dos vínculos com as comunidades ribeirinhas que atravessam regularmente os discursos de sustentabilidade das cooperadas da Açaí, buscávamos com essa incursão apreender as lógicas e estratégias operadas na reorganização das redes tecidas em tais parcerias para a obtenção das sementes. Esses propósitos já haviam sido objetivados na parceria da Cooperativa com o IFRO.

A expectativa de reorganizar redes com as populações ribeirinhas foi renovada com a participação do IFRO, na pessoa do professor Ronilson. Para ele, a Cooperativa Açaí e seu trabalho com sementes iria “*conseguir captar a produção desses ribeirinhos*”, agregando mais renda a essas famílias:

o Ribeirinho, ele tem uma dificuldade muito grande pra encontrar elementos que deem sustentabilidade pra ele [...] e eles não conseguem também ter renda a partir daquilo que eles fazem ali. Se você observar, a gente tem estudos que demonstram que eles têm um pouquinho de agricultura, eles têm um pouquinho de pesca, eles têm um pouquinho de extrativismo vegetal [...] A ideia é a gente tornar este processo de extrativismo de produtos não madeireiros sustentável pra eles, a ponto deles conseguirem se manter ali [...]. Por que a gente sabe que é uma ligação muito forte. Isso é algo que vem desde os ciclos da borracha, muito forte entre essas pessoas e o meio onde ele subsiste. (Ronilson, informação verbal, 2017)

Em diálogo com Ribeiro (2010, p. 51), a ligação entre os moradores dessas comunidades, a floresta e o rio é mencionada como modo de vida único.

Ao vivenciar a imensidão da floresta, [...] cria e recria modos únicos de uma vida ribeirinha [...] assim, o rio e a

mata ultrapassam o limite da materialização e ganham representações culturais para o grupo, como consequência podemos perceber que essa apreensão não homogênea do espaço vivido é percebida pela naturalidade como o pescador vivencia o rio [...]. (Ronilson, informação verbal, 2017)

E assim retoma Ronilson, justificando a parceria da Cooperativa com essas comunidades:

Para o ribeirinho também é a mesma condição. E assim, hoje a gente tem um problema muito sério pra esses produtores extrativistas, daquele atravessador. Esse atravessador, com essa perspectiva deixaria de existir, porque a Cooperativa receberia, e modelo cooperativo é muito simples, aquilo que é ganho da cooperativa é ganho de todos né, seria repartido com todos. Então, agrega esse valor a isso. (Ronilson, informação verbal, 2017)

Dessa forma, no discurso do representante do IFRO, a parceria iniciada para a produção de uma tintura orgânica se amplia e diversifica buscando, segundo ele, alcançar sustentabilidade para os parceiros envolvidos.

Porém, o que ocorre atualmente na relação entre a Cooperativa e as comunidades ribeirinhas está em uma fase preliminar, considerando tais propósitos. O que percebemos dessa interação, no distrito de São Carlos do Jamari, é que ela é sazonal e por demanda. Na incursão realizada, constatamos que a demanda por sementes é direcionada a um agenciador local do distrito, que a transfere aos trabalhadores das plantações de castanha. Geralmente, na ida para as plantações, ou no retorno delas, esses trabalhadores coletam as sementes, segundo o tipo e a quantidade especificados pelo agenciador. As sementes foram entregues ao agenciador e, posteriormente, a um associado da Cooperativa, em garrafas PET.

Hidrelétricas e MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens)

As artesãs da Cooperativa, alguns moradores de Porto Velho e moradores do Distrito de São Carlos com quem conversamos expressam em diversos relatos as implicações que as construções das hidrelétricas de Santo Antônio (3.150MW) e Jirau (3.450MW) (LASCHEFSKI, 2011) trouxeram para o seu dia a dia. Essas implicações vão desde as belezas naturais extintas, como a cachoeira de Teotônio, que “*era a coisa mais linda, que virou só pedra*” (Márcio, informação verbal, 2017), e o estouro do boto na boca do rio Jamari, até a explicação sobre escassez e morte de peixes, além de muitas árvores e palmeiras estarem na “*química do rio*”. Para os senhores Pedrinho e Márcio, essa química foi produzida porque na natureza muitas plantas contêm algum tipo de “veneno”.

As hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, ambos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), são referidas pelos entrevistados como as responsáveis pela diminuição dos peixes no rio e pela enchente de 2014. As duas hidrelétricas estão localizadas no rio Madeira, na cidade de Porto Velho, com distância entre elas de cerca de 110km. Ainda na mesma região, no rio Jamari, foi construída na década de 1980 a hidrelétrica de Samuel, a pouco mais de 50km de distância da zona urbana de Porto Velho, pela da rodovia 364.

Ocorre que a construção das hidrelétricas afetou não somente o uso das águas dos rios pelas comunidades locais, mas também destruiu as redes de sustentabilidade tecidas entre os ribeirinhos, como evidenciamos em outro estudo (LOPES, SCHIERHOLT, 2018). Nesse processo, as ações empreendidas pela Cooperativa para reorganizar suas redes com os ribeirinhos encontra outra parceria: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), da região, que trabalha em negociações com essas três hidrelétricas.

Nossa interlocução com o MAB ocorreu por meio de Márcio, que tem 42 anos e está há 30 anos na região de Porto Velho. De pai seringueiro, veio com a família do Amazonas no ciclo da borracha

e trabalhou como seringueiro durante cinco anos. Antes de morar em São Carlos, morou na região onde foi construída a hidrelétrica de Samuel. Como coordenador do MAB de São Carlos faz muitas viagens para levar formação às regiões que têm projetos de construção de hidrelétricas, mostrando os benefícios e malefícios dessas construções e informando quais são os direitos dos atingidos. Os agentes do MAB trabalham com 150 famílias, divididas em 8 grupos em São Carlos.

Os relatos de Márcio, assim como outros, de moradores locais, auxiliam-nos a compreender que a desestruturação das redes de sustentabilidade dos ribeirinhos levou vários deles a buscarem alternativas ocupacionais relacionadas às novas condições ambientais geradas pelas hidrelétricas. Assim, Márcio (informação verbal, 2017) afirma que a pesca antes das barragens “*não tinha coisa melhor, tirava R\$ 1.200,00 no mês, hoje tem meses que dá só pra alimentação*”. Da mesma maneira, outros moradores do distrito contam que todos aqueles que estão trabalhando como “bandeirinhas”, como são chamados quem faz a travessia do rio, eram pescadores, no entanto, quando construíram a hidrelétrica acabou o peixe e, com a construção da estrada, compraram os barcos. Começaram com a “rabetinha” própria para pesca que já possuíam e, conforme foram melhorando, compraram a “voaderinha”, por meio de financiamentos.

O Polo de beneficiamento de sementes

O Polo é o espaço onde seria realizado todo o processo de beneficiamento de sementes que, devido às condições insalubres como poeira e barulho, não pode ser feito no local da loja da Cooperativa. O local onde está sendo construído foi comprado com financiamento do Conosud¹⁰ e a obra está em fase de conclusão. O local escolhido está localizado no Parque Natural Municipal de Porto

10 Trata-se de financiamento da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, da Espanha, em parceria com a UNISOL. Disponível em: <https://bit.ly/39nBCBB>. Acesso em: 23 jul. 2020.

Velho, também conhecido como Parque Ecológico, localizado a 15km do centro de Porto Velho, contém floresta e é rico em palmeiras como babaçu e tucumã.

Dalvani (informação verbal, 2017) explica:

*O Polo, quando nós compramos o Polo a nossa visão foi que tivéssemos **um local que mostrasse pra nós a sustentabilidade, que tivesse um ambiente onde tu tivesse contato real com o que tu tá produzindo.** Quer dizer assim, um local onde tem bastante floresta, é um local onde a gente quer transformar num ambiente onde você tenha fruta de lá, tenha o chá natural de lá pra você tomar um lanche [...] e muitas das próprias palmeiras tem lá, [...] o babaçu, a tucumã, você pode adquirir de lá e isso vai dá um pouco de responsabilidade social pros próprios artesões, que do jeito que eles tão transformando aquele ambiente eles sabem que **da mesma maneira nós temos que levar pro ribeirinho, da mesma maneira pro extrativista, quer dizer, essa mentalidade que nós queremos construir lá [...]** quando a gente pensou não foi só um local onde eu fosse fazer a biojoia, foi um local onde eu tivesse todos os estágios pra que eu tivesse realmente uma identidade.*

Aqui, a exposição de propósitos de Dalvani evidencia como a articulação entre a objetivação dos produtos da Cooperativa e as parcerias estabelecidas em sua trajetória configuram um compromisso identitário. Desde sua exposição, explicitam-se registros que permitem compreender que as representações construídas nas parcerias nacionais foram objetivando esses compromissos identitários com atores reconhecidos nas redes locais de sustentabilidade. E, desde as exposições dos parceiros, essas representações também se evidenciam.

Assim, a compra do terreno e a construção do Polo de beneficiamento de sementes desde o início estiveram vinculadas aos parceiros

e aos projetos da Justa Trama. De acordo com Nelsa (informação verbal, 2018), a construção do Polo está vinculada a projetos que financiavam a construção de sedes:

A gente conseguia apoio pra sedes, então, essa entidade da Espanha ela quem nos ajudou pra essa sede aqui, depois nos ajudaram pra gente comprar uma sede que é onde tá a Cooperativa Nova Geração, que tem... hoje atende 56 crianças, que é uma cooperativa de educação que era pra atender nossos filhos, netos tal e as pessoas que mais precisam da comunidade e, depois daí, a gente levou a demanda do Polo e aí eles falam: “puxa se vocês foram legais, tocaram esse aqui, então vamos apoiar também com esse”.

Porém, as dificuldades de incrementação do Polo foram subestimadas no projeto de sua objetivação e, em novembro de 2016, Nelsa esteve em Porto Velho para se reunir com a diretoria da Cooperativa Açaí. Nessa reunião, foi sugerido pelos membros da diretoria da Cooperativa vender o Polo e comprar uma casa perto do Rio Madeira, no centro de Porto Velho. Os argumentos que impulsionaram a decisão estão relacionados a algumas mudanças de interesses da Cooperativa, em focar sua produção na confecção de bonecas. Outros problemas, como a dificuldade em relação à distância do Polo ao centro de Porto Velho, a demora e os impasses para colocar energia elétrica no local e o risco constante de perderem o espaço onde está a loja, contribuíram para a decisão. A isso se somou a questão da Cooperativa de não trabalhar apenas com sementes, mas também com outros materiais, como destaca Giovanni (informação verbal, 2018):

Se no caso a gente focasse lá dentro, se fosse um tipo só de coisa, se o nosso fosse só semente, então, ficaria fácil de você fazer qualquer tipo de atividade. Se o Polo fosse só semente você colocaria tudo relacionado à semente [...] aí vamos dizer, no caso das bonecas: costura, como você

vai colocar dentro do Polo beneficiamento de sementes, fazendo pó, aquele negócio todo, que levanta muito pó na lixa e ter a confecção? Então, não tem como você fazer as duas atividades na mesma... Então fica difícil, aí a ideia que a gente trocou com a Nelsa, na última vez que ela teve por aqui, é de vender e tá conseguindo comprar a nossa sede aqui, usar a venda do Polo e comprar a sede aqui.

A parceria com o IFRO também evidenciava propósitos que seguiam essas orientações de compromissos identitários. Sobretudo, no mapeamento dos processos produtivos, o Professor Ronilson indicou perspectivas de superação de algumas segmentações. Nos processos de beneficiamento das sementes e montagem de biojoias e ecojoias são utilizados equipamentos como a morsa, na qual é feito o processo de marchetaria e também para prender peças que serão serradas, um esmeril adaptado para o uso de diversas lixas (Arlete referiu-se a 12 granas diferentes), furadeira, mandril, serra e a rola utilizada para o polimento final das sementes. Cada cooperado executa algumas ou todas as etapas citadas anteriormente. Algumas sementes são mais caras, como a Jarina, porque vem do Acre, e o coco porque é mais difícil e demorado para atingir o resultado desejado. Este é usado na fabricação dos botões para a Justa Trama e somente um cooperado é quem atualmente os produz.

E com relação às biojoias a gente tá iniciando o processo de construção, a gente já mapeou o processo de fabricação da boneca e agora a gente tá tentando ver se consegue inserir elementos de melhorias neste processo, pra dar mais agilidade pra eles e facilitar também o trabalho pra parte deles, e oferecer elementos de qualidade pra esta boneca, pra que depois não tenha nenhuma reclamação em relação às bonecas. A gente tá trabalhando nisso, nesta parte do processo de produção, e ao mesmo tempo a gente tá trabalhando nesta vertente de abrir outros espaços pra comercialização. E

tentar desenvolver, neste momento, a questão da biojoia, inserir, mapear o processo, tentar ver onde a gente pode inserir elementos como design, como características regionais neste design, coisas deste tipo a gente pretende fazer também com a biojoia, daí depois a gente busca mercado também pra esses produtos. (Ronilson, informação verbal, 2017)

DIVERSIDADE CULTURAL E REDES DE SUSTENTABILIDADE

Esta seção final do estudo tem a intenção de explicitar as concepções de sustentabilidade e redes de sustentabilidade constituídas das articulações anteriormente destacadas. Para tanto, expomos a seguir alguns depoimentos das artesãs e das parceiras que enfatizam os propósitos mais manifestados e compartilhados nas redes estabelecidas, mas também algumas exposições que explicitam arranjos que ainda devem ser tecidos, na trajetória dessas articulações. Inicialmente, Nelsa (informação verbal, 2018) destaca o quanto o acompanhamento da trajetória da Cooperativa foi importante para reconhecer as mudanças havidas no ambiente local e avaliar seus impactos sociais na região e na organização daquela.

É que a gente acompanhou muito a Cooperativa Açai num processo anterior às grandes represas, às grandes usinas que foram construídas lá e aí é como se tivesse vindo uma avalanche. Agora veio a usina, aquele monte de gente, virou a cidade pelo avesso, investiu em ter locais para as pessoas morarem, ficarem... Foram feitos investimentos, o estado de Rondônia não pode usufruir de nenhum KWATTS dessa energia gerada lá, mas, no entanto, muito da natureza foi transformada, muitas famílias deslocadas e também o principal ponto de venda que eles tinham que era na beira do rio Madeira, acho que é aquele rio que tem ali perto, ele foi retirado

sabe, e ele era um ponto bom de comercialização. Então quando foi embora toda a construção das usinas, a sensação que eu tenho toda vez que eu vou lá é que voltou a pobreza piorada de antes, essa é a minha sensação de Rondônia.

Já o depoimento de Ronilson (informação verbal, 2017), na sequência, vai enfatizar um equilíbrio necessário a ser construído nas relações entre cidade e floresta amazônica, como seres vivos. Seu discurso enfatiza que ambas se transformam pela ação de humanos e não humanos, interagindo na efetivação de trocas.

É, a gente tem que entender que a floresta Amazônica é um ser vivo como outro ser vivo. Eu considero, é a minha perspectiva de visão do mundo, que tudo é ser vivo, então essa cidade também é um ser vivo, ela pulsa, através das nossas ações ela também vive. Assim como a floresta também vive através de tudo que existe dentro da floresta e tal. A gente precisa encontrar uma forma de equilíbrio entre seres vivos. Seres vivos vivem para fazerem trocas, a gente faz troca, a gente doa e a gente recebe, e a gente precisa encontrar uma forma de estabelecer essa relação de forma equilibrada.

[...] *a gente tem que entender que a floresta é tão importante quanto a cidade, que as pessoas que estão na floresta são tão importantes quanto as pessoas que estão nas cidades, e respeitando isso a gente estabeleceu uma linha que consiga gerar um processo produtivo de recebimento e doação também pra floresta.*

E é justamente na efetivação de trocas, entre humanos e não humanos, na cidade e na floresta, que ele reconhece um ideário de construção das redes de sustentabilidade.

Dentro do projeto, a ideia é que a gente construa uma rede de sustentabilidade, de sustentação com o projeto. Governo do estado, município, outros órgãos, organismos que possam colaborar de alguma forma. Como eu falei pra você, a gente tem vários projetos submetidos em editais, que seria uma forma deles participarem junto com a gente. Assim, a gente tá formando essa cadeia, tá construindo isso. O meu trabalho de dissertação foi relações interorganizacionais. Então, a ideia é que a gente estabeleça essas relações interorganizacionais e dê sustentação pro projeto, pra que ele não dependa de pessoas, que ele seja um projeto mais dentro do ideário, o ideal de construção. (Ronilson, informação verbal, 2017)

No discurso de Ronilson, o deslocamento das representações acerca das trocas entre humanos e não humanos, entre cidade e floresta, para um ideário de construção das redes, é justificado pelo entendimento das redes de sustentabilidade como tramas organizacionais.¹¹ Esse mesmo princípio de entendimento é utilizado por Nelsa (informação verbal, 2018), na sequência, ao enfatizar a lógica de organização da diversidade, na cadeia Justa Trama. Porém, mesmo reconhecendo um princípio de diversidade operando essa lógica, ela também reconhece a relativa autonomia expressada nas representações das associadas da Cooperativa e nas marcas identitárias que elas imprimem na configuração da Justa Trama e nos produtos que confeccionam.

Nelsa: [...] *a Efafe participa das feiras e vende os produtos de todo mundo, a Cooperativa Univens aqui, a gente participa das feiras e vende os produtos de todo*

-
- 11 Deve-se considerar que essa concepção de tramas organizacionais carrega, em si, uma percepção reflexiva da diferença cultural que a aproxima do entendimento de uma comunicação intercultural, ao modo de Touraine (2006, p. 210) "A comunicação intercultural não é, portanto, apenas um esforço de compreensão mútua: trata-se de um ato de conhecimento que procura situar o outro e a mim mesmo dentro de unidades históricas e dentro da definição dos processos de mudança e de relações com o poder".

mundo, a Dec já fez venda dos produtos de todo mundo e a Açaí também. Então, na verdade todo mundo quando vai vender não vende os produtos de um, vende os produtos da Justa Trama que são a diversidade que é.

Anelise: *O Giovani chegou me comentar, de pensar uma linha de biojoias e ecojoias específicas pra Justa Trama. Isso aconteceu?*

Nelsa: *Não chegou acontecer, mas é legal que daí pudesse ser mais com tecido, talvez. E a Cooperativa Açaí, de modo especial no período que a Dalvani estava, era uma das que conseguiam fazer falas pra fora sabe, de eventos assim, ah tem um evento lá em São Paulo e precisa ir falar da Justa Trama, a Dalvani ia lá e falava, falava muito da Amazônia e falava da Justa Trama. Hoje, quem tem uma participação mais ativa na Justa Trama é a Cristina e o Giovani, que é presidente da Cooperativa. A Antônia muito tempo, todos eles já participaram diretamente, a Arlete e a Antônia tiveram participações nas reuniões, demarcaram muita presença, a Marina, todos eles já passaram pelo conselho administrativo. Então, não tem como escrever a história da Justa Trama sem ter uma marca forte da Cooperativa Açaí. As pessoas às vezes podem achar “ah, mas é só o botão!” Não, o botão é muito! As pessoas se encantam quando a gente vai falar e mostra o produto que é feito lá, não faz ideia que podia tirar do coco, fazer um botão sabe, nem imaginam o processo como é feito, então pra gente, nós da Justa Trama também poder ter eles bah, ir lá pros rios, ribeirinhos, ver como é que o pessoal colhe o açaí, como é que faz o botão de tucumã sabe, como é que faz esse processo todo é algo muito encantador.*

Por fim, é justamente nessas tramas organizacionais que as pendências enfraquecedoras das redes de sustentabilidade são

identificadas. No caso da Cooperativa Açaí, seu atual presidente, assim como a presidente da cadeia produtiva Justa Trama, indica fatores relacionais ainda em suspensão.

A Nelsa conseguiu inserir a gente no projeto na UNISOL pra gente arrumar um contador aqui pra regularizar a situação da Cooperativa, né, e a UNISOL disponibilizaria R\$ 1.500,00 lá pra poder fazer o serviço aqui, só que a gente foi em vários contadores e foi aberto o edital 3 vezes, as pessoas dizem que vão se inscrever e não se inscreve e aí depois eles... confesso que é muito pouco pra gente estar trabalhando! (Giovani, informação verbal, 2018)

*Porque a Justa Trama, isso nós já decidimos há tempo já, **ninguém de nós pode esperar da Justa Trama que ela dê demanda pra sustentar todas as Cooperativas**, é algo que nós estamos construindo, que vem num crescente. O agricultor, ele planta o algodão, mas ele planta o gergelim, planta o milho, ele planta o feijão, ele não vive só do algodão. **A Cooperativa que faz o fio ela faz o fio da Justa Trama, mas ela faz o fio pra mais um monte de gente**; a Cooperativa Univens ela costura as roupas pra Justa Trama, mas ela costura pra mais um monte de outros e aí a gente quer que esse crescente venha e nos absorva cada vez mais, mas, enquanto isso, cada um tem que buscar outros mercados também e sentir aqui como algo que vai te fortalecendo, fortalecendo, que é teu sabe. **E a Cooperativa Açaí falta esses outros, sabe, que venham enquanto a Justa Trama vem com força né.** (Nelsa, informação verbal, 2018)*

*Eu consigo ver, olha como eu imagino a Cooperativa Açaí, acho que era muito **legal se tivesse um espaço lá na cidade, de produção, que não fosse dentro da loja***

necessariamente, onde elas pudessem estar produzindo de forma coletiva, junto (Nelsa, informação verbal, 2018)

E assim, fazendo os fios que tecem suas redes de interação, diversidade cultural e sustentabilidade vão se estabelecendo no horizonte da trajetória da Cooperativa Açai.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, C. F. *Trabalho e política no cotidiano da autogestão: o caso da rede Justa Trama*. 2013. 217 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BAJOIT, G. *Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Ijuí: Editora Unijuí; Lisboa: CEOS, 2006.
- CAETANO, R. F.; SILVA, R. N. P.; ALVES, E. S. O território como elemento constituidor da identidade sociocultural dos povos e comunidades tradicionais: a constituição sócio-histórica da comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, Porto Velho/RO). *Saberes da Amazônia*, Porto Velho, v. 2, n. 5, p. 348-363, 2017.
- CALABRE, L. *Políticas culturais no Brasil: história e contemporaneidade*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2010.
- CAVA, B. Cultura e subjetividade em rede: os desafios do capitalismo no século XXI. In: KAUARK, G.; BARROS, J. M.; MIGUEZ, P. (org.). *Diversidade cultural: políticas, visibilidades midiáticas e redes*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 227-234.
- CORTÊS, C. Cultura, diversidade e política: transversalidade dos conceitos nas políticas culturais. In: RUBIM, A. A. C.; ROCHA, R. (org.). *Políticas culturais*. Salvador: UFBA, 2012. p. 139-159.
- DIAS, R. M. D. Educação, identidades e diversidades: uma análise da Declaração Universal sobre Diversidade Cultural. *Quaestio*, Sorocaba, v. 17, n. 2, p. 371-385, 2015.
- KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas. In: APPADURAI, A. (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 89-121.

LASCHEFSKI, K. As tensões do lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. In: ZHOURI, A. (org.). *Licenciamento e equidade ambiental: as racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 22-59.

LIMA, L. P. B.; ORTELLADO, P.; SOUZA, V. O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do Estado no campo da cultura. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS CULTURAIS, 4., 2013, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: FCRB, 2013. p. 1-17.

LOPES, J. R.; SCHIERHOLT, A. F. P. Produção de biojoias no norte do Brasil: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em redes de sustentabilidade locais. *InterEspaço*, Grajaú, v. 4, n. 12 p. 155-173, 2018.

LOPES, J. R.; TOTARO, P. The learning of cultural diversity and the patrimonialization of biodiversity. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 196-204, 2016.

MIRANDA, E. A.; ROCHA, E. S.; EGLER, T. T. C. A trajetória das políticas públicas de cultura no Brasil. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 17, n. 1, p. 25-46, 2014.

PEREIRA, R. E. *Pela margem: ribeirinhos e transformações sociais na Amazônia*. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RIBEIRO, M. A. *No espelho das águas: um lugar Ribeirinho no Rio Madeira*. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/30CbHIR>. Acesso em: 22 jul. 2020.

RUBIM, A. A. C. Democracia, políticas culturais e territórios. In: GADEA, C. A.; MÉLO, J. L. B.; LOPES, J. R. (org.). *Periférias, territórios e saberes*. São Leopoldo: Oikos: Capes: Fapergs, 2012. p. 27-36.

SANTOS, A. S. Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos. In: RUBIM, A. A. C.; ROCHA, R. (org.). *Políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 67-88.

SIMMEL, G. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, J.; Öelze, B. (org.). *Simmel e a modernidade*. 2. ed. Brasília, DF: EdUNB, 2005. p. 77-106.

SPOONER, B. Tecelões e negociantes: a autenticidade de um tapete oriental. In: APPADURAI, A. (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 247-298.

TOURAINÉ, A. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração Universal sobre Diversidade Cultural*. Paris: UNESCO, 2001.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.